

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietários: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

A peregrinação de Julho, 13 Graças a Nossa Senhora!

O dia 13 de Julho findo foi um dia magnífico de verão e por isso muito próprio para a peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, porque a manhã esteve fresca e o sol do meio-dia não era muito quente.

A procissão das velas, que se realizou na véspera, à hora costumada, decorreu na melhor ordem, tendo tomado parte nela alguns milhares de fiéis que guardavam a mais perfeita compostura e edificavam pela sua piedade.

Da meia-noite às duas horas da madrugada, durante a cerimónia da adoração geral do Santíssimo Sacramento solenemente exposto, prêgou nos intervallos das dezenas do terço dos mistérios gloriosos o Rev. Dr. José Pedro Ferreira, O. F. M.. Este ilustre sacerdote fazia parte da grande peregrinação do Varatojo (Tórres Vedras) constituída pelos professores e alunos do curso teológico do Seminário das Missões Franciscanas, que vinte e uma caminhas transportaram à Fátima.

A *Schola cantorum* deste Seminário é que tomou a seu cargo a execução do canto em tôdas as funções religiosas, desempenhando-se com tôda a proficiência.

Das 2 às 3 horas foi a hora de adoração das peregrinações de Belém e Grijó, das 3 às 4 a da peregrinação, bastante numerosa, da freguesia de S. José, de Coimbra, das 4 às 5 a de Meãs do Campo e Palmá, e das 5 às 6 a de S. Tiago de Soure.

Da peregrinação de Palmá, além de muitas outras pessoas, foram a pé cerca de sessenta crianças da Cruzada Eucarística que, dispostas em duas alas, na escadaria da Basílica, formavam um conjunto que prendia a atenção dos peregrinos.

As 6 horas, celebrou a Missa da comunhão geral o rev. P.º Júlio dos Santos, O. F. M..

As comunhões elevaram-se a perto de oito mil.

Tiveram Missa privativa, às 8 horas a peregrinação de Belém, às 8,30 as de Grijó e Lourinhã, às 9 a de Meãs do Campo.

As 10 horas, no altar do pavilhão dos doentes, houve Missa solene promovida pela peregrinação Varatojana.

Fouco depois do meio-dia, rezou-se, como de costume, o terço do Rosário, em frente da capelinha das aparições, efectuando-se em seguida a procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima que percorreu um longo itinerário passando diante da Basílica por entre elas de fiéis que, cheios de entusiasmo, acenavam com os lenços,

Entre os peregrinos encontrava-se o Ex.º Sr. Doutor Carneiro Pacheco, Ministro da Educação Nacional, e seu secretário.

Antes de principiar a Missa dos doentes, o Rev. dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do Seminário de Leiria e director das Associações de Servitas, subiu ao púlpito e leu uma carta de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria que teve de se sujeitar ultimamente a uma operação bastante melindrosa devido a um descolamento da retina e que se encontra há semanas internado no Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco (a Jesus), em Lisboa.

Na carta, que já era por êle assinada, a-pesar-de ter ainda os olhos vendados, o venerando Prelado saudava os peregrinos, explicava o motivo da sua ausência e manifestava o desejo de que pedissem a Nossa Senhora a graça do seu completo restabelecimento, se fôsse essa a vontade de Deus, e de que agradecessem as melhoras já obtidas. Concluiu por dizer que alimentava a esperança de já poder assistir à próxima peregrinação do mês de Agosto que costuma realizar-se todos os anos naquele mês.

(Continua na pág. 2)

Teve há tempos o Senhor Bispo de Leiria de fazer melindrosa operação à vista, que o obrigou, durante semanas consecutivas, a uma posição extraordinariamente incômoda e lhe provocou, porventura, as dores mais violentas da sua vida.

Também não foi menos extraordinária a resignação do Venerando Prelado, que em tudo revelou a mais profunda e sólida energia interior.

Com êle estaria, naquelas horas atormentadas de calvário, a Virgem Senhora da Fátima, que no Senhor D. José Alves Correia da Silva tem tido um pregoeiro apaixonado e infatigável.

Portugal inteiro o sabe de há muito e só por isso se explica que fôsem aos milhares as cartas, telegramas e telefonemas, além das visitas pessoais ao Hospital da Ordem Terceira a Jesus, a perguntar pelo estado do ilustre enfermo.

Em muitas dessas cartas havia o quer que fôsse de esplendente humildade de lágrimas agradecidas e ansiosas.

Sua Ex.ª Rev.ª alimentava-se quasi só de frutas.

Quando alguém as ia comprar aos mercados, mulheres anónimas e simples, ao terem conhecimento de que eram para «o Bispo da Senhora da Fátima», logo queriam afirmar a seu respeitoso carinho pelo Prelado insigne e... ofereciam-nas espontaneamente!

Quando no dia 21 de Julho, o médico assistente sr. Dr. Borges de Sousa fôra ao hospital buscar Sua Ex.ª Rev.ª para lhe tirar os pontos e fazer novo e cuidadosíssimo exame aos olhos, notou, com verdadeiro assombro, os resultados magníficos da operação. Foi tal a sua comoção no momento, que impressionadíssimo abraçou o Senhor D. José e segurando-lhe as mãos lhe beijava o anel.

No dia seguinte, o venerando Pre-



D. JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA

lado podia celebrar o Santo Sacrificio da Missa na Capela do Hospital, a que assistiram o sr. Dr. Borges de Sousa e esposa e outras pessoas da casa.

Aos pés de Nossa Senhora da Fátima, Saúde dos Enfermos e Consoladora dos Aflitos, todos temos que levar a nossa gratidão, pela alegria ra-

dante que nos veio da cura do Senhor Bispo de Leiria e de Fátima.

Será isto ainda, da parte dos católicos portugueses, um acto de justiça, pelo muito que Sua Ex.ª Rev.ª tem feito para que o culto de Nossa Senhora da Fátima se conserve aceso na nossa terra e cresça cada vez mais em terras estranhas e distantes.

PALAVRAS MANSAS

DOENTE ILUSTRE

Nunca agradecemos suficientemente a Deus o bem precioso da saúde. Sem êle a felicidade é apenas uma recordação dolorosa e importuna, sol que negras e densas nuvens encobriram... A saúde é alegria, despreocupação, actividade, optimismo.

Sucede, pois, que, todos a invejam em termos claros e diante de tôda a gente.

O dr. Ladislau Patricio contou um dia que o poeta Augusto Gil, passando com êle diante dum quartel, viu um clarim que fazia sem grande esforço um toque regulamentar, vibrante e complicado. Extintas já as últimas notas, o autor da *Alba Plena*, que a curiosidade, e a fadiga detiveram por um pouco, comentou: — «dava tôda a minha obra literária pelos bofes daquele rapaz». A saúde valia mais do que a música.

Música, e, a espaços, verdadeiramente inspirada, também havia na alma de Augusto Gil, como na alma de Verlaine, no dizer de Júlio Lemaitre.

Ao cavador do campo ninguém lhe inveja a casa pobre, os filhos quasi sempre numerosos, o pão escasso e duro, a enxada, a picareta, o trabalho aturado e rude. Mas todos lhe invejam a saúde, que o faz rir e cantar.

Nas romarias, designadamente no Norte, há sempre devotos, que de

joelhos, como quem se arrasta, dão voltas e voltas em tôrno dos santuários. Quasi todos pediram a Deus a graça da saúde para si próprios ou para aquêles que o seu coração ama e estima. Por serem ouvidos, como êles dizem, vêm cumprir o seu voto, mostrar a sua gratidão, com a alma em prece e os joelhos em sangue.

Para estes só a fé dá sentido à doença e à saúde. Como são fiéis, como vão de boa vontade, como se sentem felizes!

Há doenças singularmente martificantes pela gravidade que têm e pela rígida imobilidade a que obrigam durante dias e dias que parecem intermináveis. Foi atingido infelizmente por uma doença destas o sr. Bispo de Leiria, que poucos dias depois da operação, melindrosa, em carta escrita por mão alheia, dizia a um antigo discípulo, muito do seu coração: «reza por este teu martirizado amigo». Como estas palavras me comoveram, a-pesar-de as precederem notícias animadoras! E não eram para mim; vi-as na mão de alguém por mero acaso.

Um sacerdote do Pôrto, muito culto, que se submeteu com o melhor êxito, a um tratamento igual, tentou descrever-me esse martírio, que fica sendo na vida uma coisa perfeitamente inolvidável,

A treva e a imobilidade fazem com que o tempo decorra com a lentidão dum tormento russo, com um vagar estranhamente monótono que alonga e obriga a notar a passagem dos instantes. Tôda a vida, que passou, decorreu mais de-prêssa do que decorrem êses dias, que parecem a mesma noite sem fim.

Duma vez disse ao enfermeiro: aí volta outra vez o ruído da cidade; pelo tempo que já passou, deve estar a amanhecer. Estava enganado: eram onze horas da noite.

Como o tempo passa! dizem muitos com pena e melancolia. Como o tempo é vagaroso, como o tempo não passa! dizem outros sem luz e sem movimentos, entregues pela doença ao sofrimento — tortura.

O moral do sr. Bispo de Leiria é resistência. Tem raízes profundas na alma e no múnus pastoral. S. Ex.ª Rev.ª deve ter sofrido com serenidade e resignação, como quem é.

Empreendedor, activo, infatigável, visando sempre as obras, as realizações, o ilustre Prelado que, na diocese do Pôrto trabalhou na Acção Católica por uma forma exemplar, não esmorece diante das dificuldades nem se intimida diante das violências.

Uma noite, no Círculo católico de operários, cujo edificio vasto e elegante, é, em grande parte obra sua, realizou-se uma festa brilhantíssima.

Presidião a ela D. António Barbosa Leão, Bispo do Pôrto e o sr. D. José, Bispo de Leiria, sagrado recentemente.

La decorrendo a festa com aprazimento de todos, quando entrou no salão um grupo de desordeiros, que passaram rapidamente do insulto à violência. Democráticos, muito da simpatia dos poderes constituídos, que faziam inconscientemente o papel de precusores dos marxistas.

Como havia na assistência muitas mulheres e crianças, imagina-se facilmente a desordem, a confusão e a grita. Imperou geralmente o **salve-se quem puder**.

A atitude do sr. D. José surpreendeu os próprios desordeiros. Manteve-se, no meio do perigo, sempre calmo e forte, com uma grande superioridade moral. Até que saiu emfim do Círculo, ileso e sem mostrar diante dos agressores impiedosos e brutais inquietação e medo.

Ainda hoje se recordam no Pôrto, nobres e oportunas palavras que o sr. D. José lhes disse, muito calmo e sorridente.

Que o ilustre Prelado se restabeleça por completo, dentro em breve, para bem da sua diocese e para bem das palavras mansas, que contam há muitos anos com a sua indulgência!

Correia Pinto

Peregrinação Diocesana de Leiria à Fátima

Nos dias 12 e 13 de Agosto de 1939

P R O G R A M A

DIA 12 — Chegada das peregrinações das freguesias, entrada logo no Santuário, cantando e fazendo as suas orações em comum.

A tardinha — Reúnem-se todos os peregrinos, agrupados por freguesias e com as suas bandeiras, junto do portão principal, fazendo a entrada solene presidida por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria.

As 22 horas e meia — (10 e meia da noite) — Terço em comum, seguido da procissão das velas.

A meia noite — Exposição do Santíssimo Sacramento. Adoração nocturna com pregação.

Dia 13 — As 6 horas — Encerração do Santíssimo Sacramento. Missa e Comunhão Geral às crianças, aos peregrinos e aos doentes albergados.

As 8 horas — Almôço às crianças que tomarem parte no dia do catecismo.

As 9 horas — Disputa do prémio do catecismo perante um júri com representantes de todas as Vigararias, sob a presidência do Ex.^{mo} Prelado.

As 12 horas — Terço em comum na capelinha das Aparições seguido de procissão com a imagem de Nossa Senhora.

À meio dia — Missa, allocução e bênção com o Santíssimo aos doentes e peregrinos.

Adeus! Consagração a Nossa Senhora.

OBSERVAÇÕES

As pessoas que tomarem parte na peregrinação devem:

- 1.º — Confessar-se antes, lembrando-se que não haverá na Fátima sacerdotes para atender a todos, tanto mais que é domingo.
- 2.º — Dar com antecedência os nomes aos Revs. Párcos, cujas indicações seguirão.
- 3.º — Durante o caminho, rezar o Rosário, entoar cânticos, ajudar os mais velhos, fracos ou crianças, visitar o Santíssimo Sacramento, passando por alguma igreja e, os que seguirem pela estrada que tem os Cruzeiros, fazer a *Via Sacra*.
- 4.º — Os filhos devem acompanhar os seus pais, não praticando actos que possam escandalizar os fiéis ou ofender a Nossa Senhora.

† JOSÉ, Bispo de Leiria.

O PADRE

Muitos negam ao padre o carácter sagrado e singular de «Ministro de Deus» e, portanto, o poder exclusivo de consagrar, ensinar, em suma: «administrar os mistérios de Deus», como diz S. Paulo.

Para esses, o padre é um parasita, um impostor, que se governa na vida, lindamente (mas não querem para si, nem para os seus, essa tal boa vida!) e que não é mais, nem tem outros poderes que os outros homens, aos quais é absolutamente igual... menos — e só aqui é que lhe reconhecem uma grande diferença!... — na possibilidade de ser humanamente fraco e pecador.

Neste caso, distinguem-no singularmente dos outros homens! E, então, para ele não há desculpa, não há atenuantes! Essas, são para os maridos adúlteros e para os solteiros que vivem a margem da lei de Deus e, até à vez, da sociedade. Essas são para toda a espécie de fraquezas. E a vida... é a mocidade... ouve-se dizer, com toda a indulgência.

Mas, se algum padre tropeça no seu árduo caminho erigido de escolhos, se cai, é ele que «é igual a todos e tanto como os outros» para tudo, deixa de o ser, e é ver, então, como todas as mãos farisaicamente zelosas, se enchem de pedras para lhe atirarem, como todos os dedos o apontam pudicamente, como os mais descrentes e os mais escandalosos, se escandalizam, embora sejam sempre indulgentes para as misérias próprias. Mas, para o padre?! Confundem, lamentavelmente, o carácter divino do seu sacerdócio, com o barro fraco do seu ser humano...

E, afinal, por que se escandalizam essas pessoas se resolveram, há muito, que os padres fossem homens como os outros?!

Se lhe negam e lhe não reconhecem o carácter sagrado para umas coisas, com que direito lho encontram para aquelas que, precisamente, não afectam, nem de longe sequer, esse carácter? E é só esse carácter que lhe dá direitos e poderes que os outros homens não têm, como é a única razão de se esperar dele uma vida diferente, perfeita, pura, em relação à parte diferenciada e elevada da sua personalidade — o sacerdócio divino, que nenhum pecado atinge.

Negam-lhe esse carácter sagrado; mas, quando um padre cai, é ver então como esses fariseus, cegos, pe-

la malícia, reconhecem, pelo alarido que fazem, sem mesmo darem conta disso, a singularidade, a dignidade do sacerdócio. Ah! reconhecem-lho com uma força afirmativa terminante e mostram bem que, se o padre fosse apenas um homem como outro qualquer, como afirmam ao referirem-se com desprezo à sua acção sacerdotal, não tinham de que se admirar e escandalizar.

Se tanto se espantam, provam ainda que os que caem são as excepções; se tanto se impacientam é porque sentem que se amesquinha alguma coisa de mais alto que o comum dos homens representa — aquêle carácter sagrado de que uma criatura fraca se revestiu; se tanto querem destacar é porque isso acontece poucas vezes em relação ao número de padres e, portanto, um ou outro caso provoca um choque.

E por que tanto desprezo, tanta indignação, tanto sarcasmo?! O carácter sacerdotal dum padre é respeitável no mais pecador de todos eles, e as suas faltas não serão julgadas por nós, mas sim por Deus a quem se consagrou e por quem renunciou a tudo.

Se peca, não é contra a sociedade roída de crimes e misérias, e que tanto lhe deve no campo moral. Peca contra Deus que o distinguíu chamando-o para o seu serviço, elevando-o acima dos outros homens pela missão sublime que lhe confiou.

Mas o Senhor ama-o com um amor especial mesmo que a sua queda seja grande. Ele encontra bem de pressa o coração do Bom Pastor aberto e pronto a perdoar, pois nunca será esquecido o sacrifício generoso que faz a Deus quando se dá, em plena juventude quasi sempre, renunciando às alegrias legítimas da vida, para receber em troca a grande cruz, sempre escarreada e tão pesada, da vida sacerdotal.

E nunca ninguém, ninguém, cai tão fundo, que se não possa erguer um dia até à culminância da bem-aventurança!

Que aquêles que o desprezam como sacerdote, de quem não querem receber os ensinamentos nem os conselhos, o deixem em paz nas horas amargas e pesadas da prova, quando, como homem, sucumbir.

Maria das Flores

A peregrinação de Julho, 13

(Continuação)

Celebrou a Missa dos doentes o Rev. P. Augusto de Sousa Maia, secretário particular de Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo e professor no Seminário. Além das intenções habituais, a Missa foi celebrada com a intenção de se pedir o completo restabelecimento do venerando enfermo e agradecer as melhoras já alcançadas.

Ao Evangelho prêgou o Rev. P. Abel Correia Pinto, O. F. M., sobre o mistério da Anunciação, frisando a protecção especial dispensada sempre pela Santíssima Virgem à Nação Portuguesa, desde o seu início.

Foi celebrante que deu a bênção aos doentes e depois a todo o povo.

Na ocasião em que se cantava o *Credo* na Missa dos doentes, numa das últimas filas de bancadas que lhes são reservadas, uma mulher de idade exclamou algumas vezes em voz alta: «Estou curada!»

Essa mulher, de nome Patrocínia de Jesus Moutinho, tem 70 anos de idade, é viúva e mora em Belém (Lisboa).

Havia cinco anos que, além de sofrer bastante do estômago, tinha no ventre um tumor de grande volume.

Logo que tomou a resolução de ir à Fátima, o tumor começou a diminuir e, no local das aparições, verificou que tinha desaparecido completamente, não podendo, por esse motivo, deixar de exclamar que se sentia curada.

Eram quasi três horas da tarde quando se efectuou a procissão final que foi seguida da leitura da fórmula de consagração a Nossa Senhora e do canto do «Adeus».

Começou então a debandada dos peregrinos.

Uma hora mais tarde, o local das aparições encontrava-se quasi deserto, mergulhado no silêncio e sossêgo habituais, tão caros ao peregrino solitário, piedoso e recolhido.

Visconde de Montelo

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

?

Porque é que os ingleses não dispensam o Vinho do Porto na sua mesa? Porque sabem que é a melhor bebida do mundo.



CRISOS
FABRICA TRIUNFO
IMPERIO
QUALIDADE EXTRA
QUALIDADE SUPERIOR

IMPÉRIO CRISOS AVIZ
são marcas de inteira confiança

FABRICA TRIUNFO
JOÃO DA MADEIRA

CHAPÉU
FABRICA TRIUNFO

IMPÉRIO CRISOS AVIZ
são marcas de inteira confiança

A venda nas seguintes casas:

LISBOA — J. Mendes Loureiro Hos. — Rua de Alcântara, 43; J. Nunes Correia & C.^a, Ltd. — Rua Augusta, 250; Casa Natal, Ltd. — Rua da Palma, 6; H. Branco V. Barros — Largo do Corpo Santo, 12; J. Vidal Lopes, Ltd. — Rua do Rato, 43; Marques & Antunes — Rua da Graça, 89.

PORTO — Estabelecimentos Lemos — Praça da Liberdade; Camisaria Confiança — Rua de Santa Catarina.

ALCOBAÇA — José Bento da Silva.

PORTALEGRE — Manuel Gra-de Ribeiro.

SANTARÉM — A. Sampaio.

VIANA DO CASTELO — Carneiro & Irmão, Sucr.

UISEU — António da Silva.



Perdeu o emprego devido ao reumatismo

Representou uma espécie de tragédia o facto deste ferro-viário ter de abandonar o trabalho no fim de 30 anos, mas sofria tanto de reumatismo que não tinha outro remédio — só podia andar apoiando-se a uma bengala. A conselho de um amigo principiou a tomar Sais Kruschen. Verificando que melhorava com o tratamento, continuou na sua resolução e tomou-os até ficar bom de todo.

Se visse agora este homem, e o pudesse ter visto há três anos passados, não acreditaria que fôsse o mesmo. Fala de Kruschen a todos os seus amigos e não se cansa de os recomendar.

As dores reumáticas e a prisão dos movimentos são causadas pelos depósitos dos cristais de ácido úrico, nos músculos e articulações. Os sais minerais que Kruschen contém estimulam o fígado e os rins a uma actividade saudável e regular, auxiliando estes órgãos na eliminação do excesso de ácido úrico, causa dos sofrimentos. Quando o venenoso ácido úrico desaparece, as dores reumáticas deixam de apertar.

Sais Kruschen

Vendem-se em todas as farmácias.

Quando precise dum jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

A vós recorremos Santa Mãe de Deus

Os perigos

Erguem-se altas no mundo as ondas do ódio, do egoísmo e da ambição. Perdeu-se em grande parte o sentido cristão da vida.

Uma vaga de paganismo avassala as almas.

Instituições venerandas caem derruidas pelos inimigos de Deus.

A Santa Igreja é alvo das maiores perseguições.

No horizonte levantam-se nuvens carregadas que nos privam da luz do alto e nos tiram a alegria de viver.

O pavor do dia de amanhã apodera-se das almas.

Sente-se que o mundo se afunda.

Quem nos valerá?

A salvação

Nada de medos.

A criança que se reclina no colo da Mãe desafia os maiores inimigos e ri-se dos mais graves perigos.

E havemos nós de temer?

Nós que sentimos tão forte, tão profunda, a protecção de Nossa Senhora, a nossa querida Mãe do Céu que é ao mesmo tempo a Mãe de Deus?

Oh! não! A Virgem Santíssima

ma não nos abandonará jamais.

Podia lá ser que uma tão boa Mãe abandonasse o mais pobre dos seus filhos?

Confiemos na omnipotência suplicante, na poderosíssima intercessão daquele a quem o próprio Deus feito homem chama pelo doce nome de Mãe.

O que é preciso

é pedir-lhe encarecidamente que nos valha. Ela bem sabe do que nós precisamos, mas quer que lho roguemos.

A Pátria, a Igreja, as almas, nós mesmos precisamos do seu valimento como nunca. Seja cada um de nós um filho devoto e amante de tão boa Mãe!

Invoquemo-la com amor e perseverança!

Rezemos o terço todos os dias E não nos contentemos de A invocar...

Maria é modelo de todas as virtudes.

Dêste vale de lágrimas e do meio das misérias que nos cercam levantemos o olhar para o admirável exemplar que Deus nos deu para nos socorrer e comunicar a vida divina.

NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.

Este número foi visado pela Censura

O culto de Nossa Senhora da Fátima no estrangeiro

ASIA

Em Singapura

O Senhor Bispo de Leiria recebeu do Rev. P. A. Gonçalves, Vigário da igreja Ahijh Church of St. Joseph de Singapura a seguinte carta que julgamos interessará os nossos queridos leitores e pode ser estímulo para benemerências similares.

Ex.º e Rev.º Sr. Bispo:

Venho respeitosamente apresentar a V. Ex.ª os meus cumprimentos e beijar o seu Sagrado Anel.

Juntamente com esta carta vai uma letra do Banco no valor de £ 57.14.11 para a Basílica da Fátima.

Julgo dever dar a V. Ex.ª uma explicação a respeito deste dinheiro. Três quintos foram por mim recolhidos como produto da venda de artigos religiosos da Fátima e esmolas dos devotos da Senhora da Fátima. O resto foi-me entregue pelo pároco da nossa igreja para ser enviado a V. Ex.ª para as obras da Basílica. Esse dinheiro foi retirado da caixinha de esmolas, colocada

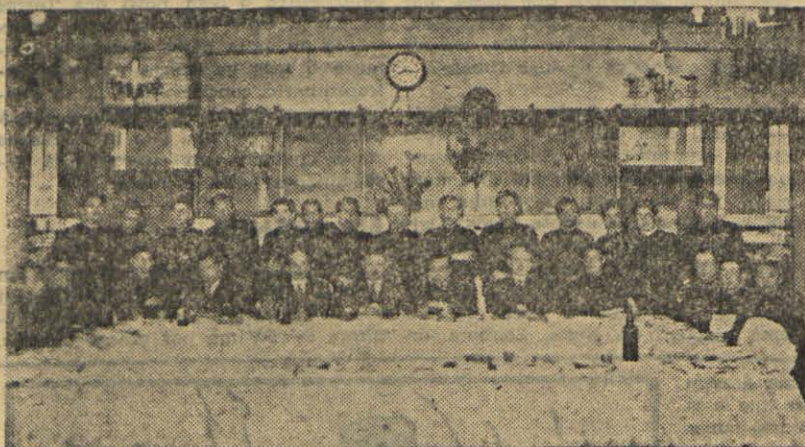
diante do nicho de Nossa Senhora da Fátima, que os fiéis lá depositam quando visitam a igreja. O pároco sugeriu-me que pedisse a V. Ex.ª se digno empregar a presente quantia na aquisição de qualquer objecto para o Santuário, como dádiva, exclusiva dos cristãos de Singapura; para isso faria V. Ex.ª o obsequio de mandar dizer-me o custo do objecto que deseja adquirir e nós aqui nos encarregaríamos de mandar o que fôsse necessário à medida que fôssemos recolhendo as esmolas.

Achei a ideia boa, e por isso comunico-a a V. Ex.ª apenas para o seu conhecimento, para V. Ex.ª resolver como melhor entender. Da minha parte as esmolas que tenciono recolher, continuarei a mandá-las para lá.

Faço votos pela preciosa saúde e vida de V. Ex.ª que Deus conserve ainda por longos anos. Peço se digno lembrar-se de nós em suas orações e sacrificios e enviar-nos a Sua Santa Bênção.

De V. Ex.ª Rev.ª dedicado e infimo servo.

P.º A. Gonçalves



NO JAPÃO

Grupo fotográfico do Sr. Couto, Vice-Cônsul Geral do Brasil no Japão, com os seus alunos de português a quem ofereceu como prémio da sua aplicação e estudo, exemplares do livro «A Jacinta» que elles muito apreciaram

CRÓNICA FINANCEIRA

Em Setembro do ano passado a guerra esteve por um fio. Se não fôra a prudência de Chamberlain, se não fôra o sangue-frio, a fleugma da grande nação inglesa, a guerra teria deflagrado então para gaudío dos bolchevistas que sonham com a guerra universal, e dos asiáticos que pensam em dominar e destruir a Europa. Mas se é verdade que a Inglaterra salvou a paz do mundo, evitando uma guerra iminente, não é menos certo que os ódios ideológicos e os apetites imperialistas, ficaram mais exacerbados ainda depois da jornada de Munich. Os blocos em opposição cada vez se afastavam mais um do outro no campo dos princípios e no sector da economia; os totalitários, apertando-se uns contra os outros no seu eixo de autarquias; os liberais, dando-se as mãos, e estendendo pelo mundo vasta e potente rêde, capaz de emmalhar as mais poderosas óguas.

Entre estes dois blocos de ideias e interesses antagonicos, a harmonia parecia impossível e a guerra inevitável. E diga-se de passagem que os fanáticos de ambos os campos era justamente a guerra que queriam, pois só através da guerra poderiam satisfazer os seus ódios de exaltados.

Mas os homens de juízo, que os há sempre em todos os campos, queriam e querem salvar a paz a todo custo. Simplesmente a salvação da paz se tornava de dia para dia mais difficil, justamente porque os dois blocos se estavam afastando um do outro com velocidade acelerada. Conta-se que ao saber do projecto da ida de Chamberlain a Munich, Hitler dissera: Que virá cá fazer essa velha raposa?

A velha raposa foi a Munich salvar a paz, mas é natural que a no-

ticia da sua ida fôsse acolhida com desconfiança na Alemanha. O mundo chegou a ponto de não haver um homem capaz de inspirar confiança aos dois partidos, condição essa indispensável para ser possível um accordo honroso para ambas as partes. Sem medianeiro, não poderia haver uma aproximação que inspirasse confiança aos dois blocos; e sem um mínimo de confiança mútua entre as partes, é impossível negociar. Nem o próprio presidente dos Estados Unidos tinha autoridade para servir de medianeiro, porque o seu país enfileirara no bloco liberal, e por isso a sua oferta da mediação foi rejeitada.

E foi nesta atmosfera, de desconfiança e de ódios vivos, que subiu ao solio pontificio Sua Santidade Pio XII, cujos primeiros votos e cuidados foram em favor da paz. E porque sinceramente desejava a paz, Pio XII não proferiu uma palavra, não fez um gesto que pudesse, mesmo de longe, contribuir para excitar mais os ânimos, para agravar mais a situação.

Pelo contrário, desde o primeiro instante do seu pontificado que Sua Santidade Pio XII procurou captar a confiança de ambos os partidos. A guerra aos erros estava feita, era chegado o momento de dar a paz aos homens.

E os homens que do fundo do seu coração só buscam a paz, souberam compreender a pureza das intenções do Sumo Pontífice e sem mesmo darem por isso, em suas almas o escolheram para medianeiro. E é por isso que por todo o mundo se diz que é o Papa que está salvando a paz.

Pacheco de Amorim

A diocese de Leiria aos pés de N. S. da Fátima

Peregrinação diocesana nos dias 12 e 13 de Agosto de 1939 (Sábado e Domingo)

Caros Diocesanos:

É com o coração cheio de alegria e de amor para com a Virgem Mãe do Céu que vos venho convidar a tomar parte na costumada peregrinação da nossa querida Diocese nos próximos dias 12 e 13 de Agosto.

Esta homenagem filial para com a nossa Mãe do Céu devemos-la, entre outros motivos, como cristãos, como portugueses e como leirienses.

Como Cristãos — O Divino Redentor, ao morrer na Cruz dando até a última gota do seu Sangue por nós, depois de nos ter ensinado o caminho do Céu pela sua doutrina comprovada por tantos milagres, profecias e ainda com o seu exemplo, quis entregar-nos à protecção da sua Santa Mãe.

E assim nós todos, justos e pecadores, grandes e pequenos, ficámos entregues à sua protecção e guarda. Maria Santíssima, segundo o testamento que Jesus fez no Calvário, é nossa verdadeira Mãe. Devemos-lhe, pois, todo o respeito, amor e carinho para com tão boa Mãe.

Como portugueses — Desde o principio da nossa nacionalidade, Portugal foi entregue à protecção da Virgem Santíssima. Os portugueses de antanho, os nossos guerreiros illustres, os nossos reis, os nossos marinheiros, ao passo que iam conquistando aos infiéis esta terra bendita da nossa Pátria, os descobridores atravessando mares nunca antes navegados, iam colocando as novas terras aos pés de Nossa Senhora. O nome de Maria fulge em todas as páginas da nossa História, arde nos corações dos grandes nomes da nossa Pátria — militares, missionários, poetas, oradores, sábios e sobretudo dos Heróis e Santos, nossos antepassados de que somos, infelizmente, tão fracos herdeiros.

Como leirienses — Nossa Senhora foi sempre amada e venerada pelos nossos antepassados. Os nossos queridos Seminários, o dos maiores e o dos mais pequenos, estão colocados debaixo da protecção de Nossa Senhora, respectivamente sob o título de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora da Fátima. É padroeira da nossa Catedral, Nossa Senhora da Batalha — o primeiro monumento nacional — foi erguido como padrão de glória por D. João I, vencedor da Batalha de

Aljubarrota, a Nossa Senhora da Vitória.

Nossa Senhora é venerada no Santuário predilecto dos habitantes de Leiria, Nossa Senhora da Encarnação. A Santíssima Virgem, sob diferentes títulos, é o orago de quasi todas as igrejas paroquiais e de muitas capelas. Em todas as igrejas da Diocese a boa Mãe do Céu tem um altar junto ao trono do seu Divino Filho.

As mães colocam as suas filhinhas debaixo da protecção de Nossa Senhora na pia baptismal.

A Santíssima Virgem tem uma predilecção especial pelos pequeninos, seguindo as pisadas do seu Divino Filho que dizia: — deixai vir a mim os pequeninos porque d'elles é o reino dos Céus. E em Fátima, Nossa Senhora escolheu criancinhas para serem os executores das suas determinações e os confidentes dos seus segredos.

Dáí vem, ter o Rev. Clero escolhido o dia 13 de Agosto para em Fátima se realizar, como determina a Santa Sé,

O dia Diocesano da Catequese

Será também este ano, no dia 13 de Agosto, e juntaremos as criancinhas, queridas do Sagrado Coração de Maria, no seu Santuário predilecto.

Meus Caros Diocesanos:

Dito-vos estas simples e desataviadas palavras dum Hospital de Lisboa onde tive de vir fazer uma operação melindrosissima a um dos olhos. Estou condenado a uma imobilidade absoluta. Não distingo a luz das trevas, a noite do dia, nem conheço as pessoas senão pelo timbre da sua voz. Nesta crise da minha vida conservo-vos, como sempre, junto ao meu coração de Pai em Cristo, peço por vós e ofereço a Nosso Senhor todos os sacrificios para que vos proteja e guarde a vossa Fé e as vossas famílias. Tenho também a certeza que não vos esquecerei de mim.

Espero que, restituindo-me Nosso Senhor a vista, me possa juntar convosco na peregrinação diocesana de Agosto, em Fátima, para todos juntos — num só coração e numa só alma — cantarmos os louvores a Nossa Senhora, bendizermos o seu nome e agradecer-lhe os benefícios que tem espalhado sobre nós. Entretanto, meus amados Padres, Reverendos Párocos, Cooperadores da minha missão pastoral, caros seminaristas, doentinhos, instituições religiosas, membros da Acção Católica em todos os seus ramos, numa palavra, a todos os meus queridos diocesanos envio a Bênção Episcopal em nome de Nosso Senhor.

Esta nossa Provisão será lida e explicada ao povo pelos Rev.ºs Párocos e Capelães.

Dada em Lisboa, no Hospital de S. Francisco (a Jesus), aos dias 2 de Julho de 1939.

† JOSE, Bispo de Leiria

VOZ DA FÁTIMA

DESPEZA

Transporte...	1.862.668\$19
Franquias, emb. transporte do n.º 202 ...	5.189\$35
Papel, comp. e imp. do n.º 202 (359.712 ex) ...	16.739\$03
Na Administração...	284\$40

Total ... 1.884.880\$97

Donativos desde 15\$00

António Lopes Silva — Brasil, 50\$00; João Hilário Dias — Borba, 20\$00; P.º António Maria Alves — Macau, 670\$00; Almerinda Brito — França, 50 francos; Elvira Ferreira — Pôrto, 20\$00; Acácio H. Vieira — Pôrto, 20\$00; Joaquim Valente Silva — Rio de Janeiro, 80\$00; Maria Isabel Russo — Cab. de Vide, 27\$00; Carolina Carvalho — Mirandela, 20\$00; Jorge Vareta — Tua, 20\$00; Aida Tavares — Macau, 34\$00; Custódio Lopes — Pôrto, 15\$00; Maria Bértola — Aradas, 30\$00; António M. Custódio — Bera, 20\$00; António J. Cunha — Braga, 20\$00; Elvira do Cor. de Jesus — Vilar, 30\$00; Maria A. Santos — América, 1 dólar; Emília Canelas — Cantanhede, 60\$00; José M. Lopes — Paços de Sousa, 20\$00; Ana Ang. Oliveira — Évora, 20\$00; Helena Brandão — Covelas, 24\$80; Joana do Esp. Santo — Amoreira, 15\$00; Maria do Carmo Rodrigues — Faro, 30\$00; Augusto Gonçalves — Sevreas, 50 francos.
--

TIRAGEM DA «VOZ DA FÁTIMA»

no mês de Julho

Algarve	5.497
Angra	20.174
Aveiro	6.323
Beja	3.699
Braga	86.550
Bragança	14.077
Coimbra	14.454
Évora	5.388
Funchal	15.647
Guarda	21.972
Lamego	12.503
Leiria	15.797
Lisboa	11.880
Portalegre	10.928
Pôrto	56.610
Vila Real	28.951
Viseu	10.020
Total	340.470
Estrangeiro	3.883
Diversos	15.359
Total	359.712

ARQUIDIOCESE DE BRAGA

Apêlo aos Rev.ºs Sacerdotes

Cerca de 15.000 Missas foram já celebradas nos altares desta Arquidiocese, desde o começo da organização, pelos nossos queridos Cruzados, vivos e falecidos. Afóra a Santa Missa diária, celebrada no Santuário de Nossa Senhora da Fátima, sempre oferecida pelos associados de toda a nação.

Digam isto ao nosso bom povo, a cada passo, nas suas homilias, os Rev.ºs Sacerdotes, que tão zelosos têm sido pela difusão e manutenção desta Obra única e providencial; repitam-no em todos os púlpitos os nossos apostólicos Prêgadores, mencionando simultaneamente o precioso tesouro de indulgências que a Santa Igreja concede a todos os Cruzados, e nada mais será preciso para que elles se multipliquem, e sobretudo perseverem, no seio desta Pia-União.

E ainda mais o pedido, tantas vezes reiterado: que os incansáveis Chefes de Trezenas conservem sempre os seus grupos absolutamente completos, apressando-se a preencher uma vaga que se dê, por outrem que à Cruzada ainda não pertença. Mas quando alguma Trezena infelizmente desapareça, apressem-se os Rev.ºs Párocos a comunicá-lo à Direcção Arquidiocesana, com a indicação do número de jornais que se devem suprimir na remessa.

Passou de 1 milhão de exemplares de «A Voz da Fátima», que vieram para esta Arquidiocese só no ano de 1938! Que prodigiosa sementeira, mas também que fabulosa despesa!... Que não se perca um só jornal e que o dispense quem dele não precisa; ter-se-á feito assim o melhor serviço, em prol desta santa Causa, pelo Reinado do Senhor.

Adveniat!...

O director arquidiocesano

FALA UM MÉDICO

XXXIX

Fazer regime

A locução afrancesada «fazer regime» anda agora muito na bôca das meninas que se deixam tyrannizar pela moda.

Muita difficuldade têm os sacerdotes para convencer os católicos que devem obedecer ao salutar preceito do jejum e da abstinência.

A cada passo luta o médico com a resistência dos diabéticos ou dos velhos arterio-esclerosos, que muitas vezes se recusam a suportar dietas, das quais depende, aliás, a sua vida.

Ao lado dessa resistência aos mandamentos da Igreja e da hygiene, é curioso ver como as modas mais estúpidas estendem o seu império.

Desobedece-se ao padre e ao médico, mas é com a maior sem-cerimônia que uma rapariga pinta a cara e as unhas ou prescinde de artigos de vestuário, como as meias e a camisa, os quais antigamente pareciam indispensáveis e que só os mendigos mais miseráveis deixavam de usar.

Decretou também a moda que a suprema distincção da mulher consistia na magreza quasi esquelética.

Por isso, desataram as meninas a fazer regime, isto é, a passar fome, com requintada elegância.

Emquanto a familia janta descançadamente, comendo o que vem à mesa, a menina que faz regime não come sopa, nem pão, nem manteiga nem alimentos doces ou feculentos, e também não bebe.

Engole à pressa uns bocadinhos de carne e alguma comida que tem fama de não fazer engordar.

Depois, fica de pé, ao lado da mesa, enquanto os outros comem à vontade.

Não há dúvida que a menina que faz regime, em pouco tempo, fica uma magrizona do tipo exigido pela moda.

Mas pode ser que fique também candidata a uma cadeira de cura no sanatório, ou a um lugar vitalicio na campa dum cemitério.

P. L.